

## NOTÍCIA DE TORTO: FORMAS PROCEDENTES DO LATIM *ILLE*

Mirta Groppi\*

**RESUMO:** Este artigo examina as ocorrências das formas provenientes do latim *ille* na Notícia de Torto, um dos primeiros textos escritos em língua portuguesa. São consideradas as formas usadas como pronome e as formas usadas como artigo. Com relação à forma e ao uso do artigo, verifica-se que o texto não apresenta divergências notáveis em relação ao uso atual. Em relação às formas pronominais, destacam-se o acusativo latino plural na função de sujeito e um exemplo do nominativo sem preposição para a função de objeto.

**Palavras-chave:** lingüística histórica, língua portuguesa, português arcaico, artigo, pronomes, latim.

### INTRODUÇÃO

O objetivo que nos propomos no presente trabalho é o exame das formas que provêm do demonstrativo latino *ille-illa-illud* no texto da *Notícia de Torto*.

Sendo este trabalho resultado de um curso<sup>1</sup> sobre a prosa do português arcaico (séculos XIII a XV, segundo a tradição filológica), selecionamos a *Notícia de Torto* por ser, junto ao Testa-

\* Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para a aprovação do curso ditado em 1993 pelo Prof. Dr. Heitor Megale, "Língua Portuguesa (Prosa Arcaica do Período Trovadoresco)", como parte do programa de pós-graduação da Área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

mento de Afonso II, um dos primeiros documentos não literários em que se utiliza o português. Escolhemos as formas que provêm do demonstrativo latino *ille* por ser este demonstrativo origem do artigo – categoria que em latim não existia – e origem das formas do pronome pessoal, átonas e tônicas, do português.

Em sua obra *Estruturas Trecentistas*, Rosa Virginia Mattos e Silva apresenta as noções que sustentam o que ela chama *uma gramática representativa do português arcaico*. A autora salienta a conveniência de trabalhar sobre um *corpus* integrado por diferentes tipos de textos – literários e não literários – que consiga refletir uma realidade lingüística diversificada do ponto de vista do registro. A possibilidade de diversificação diacrônica adviria da extensão de quase três séculos da fase arcaica. Certamente, também a diversidade diatópica teria lugar num *corpus* constituído por documentos de diferentes tipos, e os documentos notariais são um bom exemplo de um dos tipos.

Recorreremos à obra citada também a respeito da metodologia nela proposta. Podemos ler nessa obra:

“Quando falamos na construção de uma gramática do português arcaico, entendemos por isso a apreensão, a partir da documentação disponível, das regras que governam a organização dos enunciados documentados. Uma vez que se trata da análise de factos do desempenho lingüístico de uma sincronia do passado, entendemos que devemos partir dos dados empíricos do *corpus* sob análise – quer que se trate de uma gramática parcial, quer que se trate de uma gramática geral – para, indutivamente, chegarmos aos mecanismos lingüísticos vigentes” (Mattos e Silva, 1989, p. 42).

A intenção da autora é salientar que a metodologia escolhida vem quase *imposta* pelo fato de estarmos trabalhando sem dispor da intuição do falante nativo, o que não permite uma análise dedutiva a partir de hipóteses a serem contrastadas com aquela intuição. Acrescenta-se a dificuldade de não podermos partir de descrições já feitas para a língua da época em questão.

Devemos lembrar o fato de que estamos considerando uma fase em que não existe uma padronização da língua. Mattos e Silva observa:

“Somos de opinião que, na situação em que se encontra ainda hoje o conhecimento do português antigo, assistemático e atomizado, uma gramática descritiva a partir de documentação a mais exaustiva possível, inventariada segundo um modelo explícito e coerente, é uma etapa necessária que, além de descrever um quadro sincrônico, fornecerá elementos para trabalhos de outra natureza; entre eles destacamos os trabalhos de especulação teórica sobre mudanças lingüísticas ocorridas no português, quer sejam de orientação estruturalista, gerativista, tradicional ou de outras” (Mattos e Silva, 1989, p. 44).

## 1. O TEXTO

Vamos seguir a leitura mais recente do texto, que é a feita por Luís Felipe Lindley Cintra e publicada no Boletim de Filologia, Vol. XXXI, 1991, p. 37-4.

O manuscrito original da *Notícia de Torto* está no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, integrando a coleção Corporações Religiosas, Mosteiro de Vairão.

Em geral, são os documentos literários em prosa, anteriores ao século XV, os que apresentam maiores problemas de datação, sendo que os não literários aparecem datados e localizados. Neste sentido, a *Notícia* é uma exceção. Segundo a opinião de Ivo Castro (1991), *uma fórmula prudente para o datar seria “cerca de 1214”*.

A opinião geralmente aceita, baseada tanto nos dados lingüísticos quanto nas condições materiais do pergaminho do original – um fragmento irregular, escrito em ambos os lados, que parece não ter sido nunca apropriado para outra coisa que não fosse tomar notas –, é de que não se trata de um documento definitivo, antes parece tratar-se exatamente de um rascunho feito pelo notário – enquanto recebia informação – com a finalidade de redigir posteriormente o documento. Em relação à escritura, se diz que é muito

irregular e que aparecem palavras raspadas e com várias letras acrescentadas entre as linhas. Ivo Castro (1991) comenta:

"Em vez das formas erradas serem riscadas ou mesmo rasuradas, o escriba limita-se a escrever-lhes à frente a correção, deixando para a passagem a limpo eliminar o erro".

Esses detalhes são importantes porque a mesma pressa ou falta de cuidado aparece na redação do texto e poderia revelar-se também no nível lingüístico. Castro (1991) salienta que a narrativa não acompanha a ordem cronológica dos fatos; a seqüência do texto corresponderia às declarações que o notário ia recebendo e escrevendo tal como escutava, com a intenção, talvez, de organizá-las na redação definitiva. Um outro aspecto que indica que a redação não foi cuidada é a dificuldade que tem o leitor, em certas passagens, para achar o referente de certas formas pronominais ou flexões verbais, como na linha 39 ("existis", *uosa*), ou na 41 ou 43 (*uosa*, *ouideas*), onde esses referentes não aparecem no próprio texto. Na redação cuidada de um texto, o distanciamento entre o destinatário e a situação de produção é levado em conta. O escritor procura dar verbalmente todas as indicações para que os referentes dos elementos deícticos possam ser achados pelo leitor, isto é, o autor tenta tornar explícitos os elementos conhecidos dos participantes da situação de comunicação mas desconhecidos pelo leitor. Mas, por outra parte, um texto mais espontâneo, como o texto da *Notícia*, pelo fato de estar mais perto da comunicação oral, oferece a vantagem de refletir formas e construções que um texto escrito muito cuidado evita, portanto, esse tipo de texto pode significar uma via de acesso a um conhecimento da língua falada na época que de outra maneira não teríamos.

Não vamos prosseguir nessas considerações gerais, mas é imprescindível levar em conta essas características do texto no momento da análise.

Um outro elemento a ser levado em conta é a presunção de Cintra de a *Notícia* ter sido escrita no local dos acontecimentos refe-

ridos no texto e onde vivia Lourenço Fernandes, que é quem apresenta as queixas sobre o "torto" de que foi vítima. Cintra (*in* Castro, 1991) acredita ser  *muito provável* que o documento contenha elementos da linguagem falada do local, uma pequena região do Minho Central, entre Braga e Barcelos, onde se falava um dialeto da área inicial do galego-português. Como salienta Castro, *uma questão interessante é a de saber até que ponto esse dialecto local se acha reflectido no documento* (1991, p. 230). O problema grande com relação a esse aspecto é a linguagem usada pelo próprio escriba, a quem Cintra atribui *falta de hábito de escrever em romance e de o fazer em latim* (*in* Castro, 1991, p. 225).

## 2. DO LATIM AO PORTUGUÊS: PRONOMES PESSOAIS E ARTIGO

Como referência e confronto em relação às formas do texto, apresentamos as formas do português moderno correspondentes ao artigo e ao pronome pessoal de terceira pessoa e as formas latinas das quais provêm.

### 2.1 Artigo

Como já foi dito, o latim não tinha artigo definido; o romance português usa como artigo uma forma que provém do acusativo do pronome demonstrativo latino *ille*:

o < lat. <i>illu(m)</i>	os < lat. <i>illos</i>
a < lat. <i>illa(m)</i>	as < lat. <i>illas</i>

### 2.2 Pronomes pessoais

As formas do pronome pessoal de terceira pessoa provêm do demonstrativo *ille*. No sistema pronominal conserva-se a distinção

morfológica para as funções de sujeito (forma tônica do pronome), complementos direto e indireto (formas clíticas, átonas) e complementos preposicionais (formas tônicas precedidas de preposição), existindo, portanto, formas que correspondem ao nominativo, ao acusativo e ao dativo latinos.

Nominativo	
singular	masc.: ele < ille
	fem.: ela < illa

O plural não corresponde ao nominativo plural latino; foi formação romance feita a partir do singular.

Acusativo	
singular	masc.: o < illu(m)
	fem.: a < illa(m)
plural	masc.: os < illos
	fem.: as < illas

Dativo	
singular	lhe < illi
plural	lhes < illis

Podemos ver a coincidência entre as formas do artigo e as formas dos clíticos acusativos. Essas formas sofreram os mesmos processos de evolução fonética devido à característica comum de serem formas inacentuadas, isto é, proclíticas ou enclíticas em relação a outros elementos da frase. Essa evolução pode ser assim resumida:

- a) illu > elo > lo > o
- b) illa > ela > la > a

- c) illos > elos > los > os
- d) illas > elas > las > as

Esse /i/ breve do latim fecha em /e/ mas não é conservado por causa do enfraquecimento do acento de intensidade em formas que se tornaram clíticas, isto é, o acento de intensidade do grupo (artigo-substantivo ou adjetivo) vai ser aquele da palavra anterior ou posterior às formas em questão: /illa mensa > la mésa/ > /a mésa/

O /l/, freqüentemente em posição intervocálica na seqüência oracional, vai cair, como acontece em outros tipos de palavras (valle > vale, salire > sair). Conserva-se assim a sílaba final, essencial para a flexão.

Ainda como conseqüência dessa posição clítica, temos a assimilação que se produz entre /l/ e /r/, /s/ e nasal anterior.

Já as formas empregadas tanto para a função de sujeito quanto para os complementos preposicionais são formas tônicas e livres, isto é, não clíticas, e conservam a sílaba inicial.

Em relação às formas do dativo, a situação resulta um pouco mais complexa: apresentam primeiro uma forma sem palatalização, e ainda a variação e/i para a vogal:

- a) singular: illi > li > lhe
- b) plural: illis > lis > lhes

A palatalização tem sido explicada pela seqüência *pronome dativo + vogal*, o que faz do /l/ uma semiconsoante (iod) que palataliza o /l/ anterior, em seqüências como:

- a) dedit illi illa carta > deu-lhe a carta
- b) dedit illi illa > deu-lh'a<sup>2</sup>

<sup>2</sup> V: Menéndez Pidal, 1968, p. 253-4. Em espanhol, onde se manteve o /l/ do artigo em a), a evolução de a) e b) foi diferente, existindo palatalização só em b):

- b) diogela > diósela
- a) dióle la carta

Tendo presente a situação no latim e no português moderno, vamos examinar as ocorrências do texto.

### 3. AS OCORRÊNCIAS DO TEXTO

#### 3.1 Artigos

7. *a* maior ajuda que illos hic cōnoceru
8. *o* abate de Sancto Martino
9. *o* abade
17. *da* senara
19. *o* fructu
20. *o* abade
21. *in o* carualio de Laurecdo.... *o* abade
22. *o* servical
26. *ant o* abade... por iuizo de *il o* / 27 rec...
29. *fuili a* casa
35. *os* oméés
39. *teue a* uosa / 40 rezō
42. *ouir as* desōras
43. *Veneru a* uila e *fila(ru)li o* porco
46. *filiaruli o* pane
47. *filaru ide o* uino
50. *E furuli u* ueriar e *prenderu ide o* cōlazo

Em 12 ocorrências temos o artigo nas formas apresentadas em 2:

formas	linhas
a	7, 37
as	42
o	8, 9, 19, 20, 22, 46, 47, 50
os	35

Em 5 ocorrências temos combinações de preposições e artigos enclíticos:

linhas	
17	<i>de + a</i>
21	<i>in + ill o &gt; in l o &gt; in o</i> , com assimilação da lateral à nasal
26	<i>ant(e) + (ill) o &gt; ant o</i>
29 e 43	<i>a (prepos.) + a (artigo) &gt; a</i> , ainda sem a indicação da crase

Em 21 e 26 aparecem ocorrências peculiares do texto. Em 21, a presença da primeira vogal chama a atenção: não sabemos se pode ser explicada pelo fato de a vogal ainda não ter desaparecido na época (e/ou no lugar), se é resultado da vacilação do escriba, recorrente no texto entre o uso de formas latinas e românicas, ou se é um simples erro que o escriba deixaria para corrigir na elaboração definitiva do documento.

Ainda temos em 26/27 uma outra peculiaridade: "de ilo rec". Como é conhecido, a forma "el" do artigo aparece nos documentos da época como enclítica ao substantivo "rei". Na ocorrência do texto devemos supor: *de illo rege > de illo rec (de el-rei)*.

Finalmente, vamos tratar à parte o exemplo em 50 *E furunli u ueriar...* por apresentar certas dificuldades. Seguindo Castro (1991), interpretamos *ueriar* como *horto, pomar*. Entre o verbo e o substan-

tivo indicando o lugar final do movimento deveríamos ter uma preposição: *foram a*. Portanto é provável que a preposição esteja em combinação com o artigo masculino singular; nesse caso, poderíamos supor: *u < o < ao*.

### 3.2 As ocorrências do pronome

3. ... e *folios seu*
4. pater e sua mater. E depois feceru plazo nouo e cõue uos saber quale: in *ille seem*
6. ... que o(to)rgasse aqu(e)lle plazo come *illos*
7. ... E a maior ajuda que *illos* hic cõnoceru, que *les*
8. acanocese Laurezo Fernãdiz sa irdade per plecto que a teuese o abate...
9. ... que asi *les* dese de ista o abade. E que nunca *illos* lecxase
10. ... Se *a* lexare, itregare *ille* de ootra que *li* plaza
11. ... nu(n)qua *le li* ide deru parte
13. E filaru *li illos* inde VI casaes...
14. ... e que *li*
15. nunca ide der(u) quinnõs... unde *li*
16. nunca deru quiniõ... unde *li* nu(n)qua ar der(u) nada
17. do unnde nuqua *li* deru quiniõ...ude *li* nõ ar deru quiniõ
19. ... E por istes tortos que *li* feceru
20. e qua *li o* deue por sanar... e meteu o abade paz a(n)tre *illes*
21. ... E rogouo o abate tãto que beiso cu *illes*, E deru *li*
22. XVIII morabitanos qui *li* filaru. E de pos iste plecto pre(n)deron *li* o-servical...
23. ... e troseruno XVIII dias per mõtes e fecerules tã máá prisõ
24. per que leuaru *deles* quanto poderu auer. E de pois *li* desuro Gõcauo Gõcauiz

25. sa fili(a) pechena. E irmar(u)li XIII casaes
27. ...nunqua *ille* feze neu mal... e fezeles taes agudas
29. E super sa ajuda ar fuili a casa e filoli qua(n)to que *li* agou e deu a *illes*
30. ... omezio que *li* custou maes ka.C. morabitanos
31. ... que *li* custou multo da auer
35. amazaruli os oméés erma(ru)li X casaes
37. ...E cu *ille*
38. ...E cu *ille*
39. ... existis de sua casa in ipso die que uola quitaru. E *ille* teue a uosa
40. rezõ... E ptus *li* a custado / 41 uosa ajuda...
43. ar ouvideas: Veneru a uila e fila(ru)li o porco... e com
44. erusilo. Veneru alia uice er filaru otro ante *illes*
45. er comeruso.
46. ... er comerunsa... ar filiaruli o pane
48. ...ante *illos*
49. Otra uice(?) ueneruli filar ante seus filios qua(n)to que *li* agaru i...
50. ... E furuli u ueriar...
51. ... e gacaruno e getaru in terra *polo* cecar e le(ua)ru *delle* qua(n)to oue
52. ... e pre(n)deru II<sup>os</sup> oméés e gacaru *nos* e leuaru
53. *deles* qua(n)to que oueru. I otra fice ar pre(n)deru otros Ilos...
54. ... e iagarunos... leuaruso

### 4. ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DO PRONOME

É necessário lembrar a relação entre o acento de intensidade das formas e a função sintática que elas preenchem na oração:

- a) formas tônicas: função sujeito;
- b) formas tônicas: função complemento precedido de preposição;
- c) formas átonas: complemento direto ou indireto (clíticos).

Vamos considerar as ocorrências separadamente, de acordo com a relação acima.

#### 4.1 Formas tônicas: função sujeito

7. que *illos* hic cónoceru
9. que nunca *illos* lecxase...
13. E filaru li *illos* inde...
27. nunca *ille* feze neu mal
39. E *ille* teue

Podemos observar nessas ocorrências que o pronome sujeito de terceira pessoa é representado no texto por formas que provêm de dois casos latinos: para o singular o escriba utiliza o nominativo (*ille*), ao passo que para o plural ele emprega o acusativo plural (*illos*). Isso não corresponde aos dados expostos em 2 nem àquilo admitido pela tradição dos estudos históricos, isto é, que o nominativo plural do português foi formado com base no singular e não provém das formas latinas de *ille*.

Esse poderia ter sido um dos elementos que levaram a pensar na influência do espanhol no texto da *Notícia*, porquanto o pronome de terceira pessoa do plural do espanhol se formou do acusativo latino.

O fato de trabalhar com um *corpus* reduzido a um documento impede levantar qualquer hipótese que possa ter uma base certa neste caso. Nos materiais estudados por Mattos e Silva (1989), essas formas acusativas não são registradas. É necessária a comparação com outros documentos do século XIII, produzidos tanto na região em que foi produzida a *Notícia* quanto em outros lugares do

território português, para poder saber se estamos perante um problema de variação dialetal na época ou de uma característica do escriba. Sobre esse ponto seria interessante trabalhar com documentos do mesmo tipo, isto é, não literários.

#### 4.2 Formas tônicas: função complemento precedido de preposição

4. in *ille* seem
20. a(n)tre *illes*
21. cu *illes*
24. leuaru *deles*
29. deu a *illes*
37. e 38. E cu *illes*
44. ante *illes*
48. ante *illos*
51. le(ua)ru *delle*
52. leuaru *deles*

Nos casos de complementos preposicionais, temos uma vez a forma *illos* (48), 4 vezes a forma *illes* (20, 24, 29 e 44), duas vezes o singular *ille* e três casos de fusão da preposição *de*:

- de + elle (51)
- de + eles (24 e 53)

A hipótese de que o acusativo nestes casos fosse devido à presença de uma determinada preposição perde valor frente à variação: ante *illos* (48) / ante *illes* (44). A língua fixou o uso de *ele/eles* para o complemento com preposição.

#### 4.3 Formas átonas: complemento direto ou indireto (clíticos)

3. *folios* seu / 4 pater e sua mater
7. ... que *les*

8. acanocese Laurezo Fernãdiz sa irdade per plecto que a teuese o abate
9. que asi les dese de ista o abade...
10. Se a lexare, itregare ille de ocetra que *li* plaza
11. ... nu(n)qua *le li* ide deru parte
13. E filaru *li* illos inde VI casales...
14. ... e que *li*
15. nunqua ide der(u) quinnós... unde *li*
16. nunqua deru quiniõ... unde *li* nu(n)qua ar der(u) nada
17. do unnde nuqua *li* deru quinõ....ude *li* nõ ar deru quinõ
19. ... E por istes tortos que *li* feceru
20. e qua *li* o deue por sanar... e meteu o abade paz a(n)tre illes
21. ... E rogouo o abate tãto que beiso cu illes. E deruli
22. XVIII morabitanos qui *li* filaru. E de pos iste plecto pre(n)deron*li* o servical
23. ... e troseruno XVIII dias per mõtes e fecerules tã máá prisõ
24. E de pois *li* desuro Gõcauo Gõcauiz
25. sa fili(a) pechena. E irmar(u)*li* XIII casales
29. E super sa ajuda ar fuili a casa e filoli qua(n)to que *li* agou e deu a *illes*
30. ... omezio que *li* custou maes ka.C. morabitanos
31. ... que *li* custou multo daauer
35. amazaruli os oméés erma(ru)*li* X casaes
39. ... existis de sua casa in ipso die que uola quitaru. E ille teue a uosa
40. rezó... E plus *li* a custado / 41 uosa ajuda...
43. ar ouideas: Veneru a uila e fila(ru)*li* o porco... e com
44. erusilo. Veneru alia uice er filaru otro ante illes
45. er comeruso.
46. ... er comerunsa.. ar filiaruli o pane

49. Otra uice(?) ueneruli filar ante seus filios qua(n)to que *li* agaru i...
50. ... E furuli u ueriar...
51. ... e gacaruno e getaru in terra *polo* cecar e le(ua)ru *delle* qua(n)to oue
52. ... e pre(n)deru II<sup>os</sup> oméés e gacaru *nos* e levaru
53. *deles* qua(n)to que oueru. I otra fice ar pre(n)deru otros llos
54. eiagarunos... leuaruso

Nestes casos vamos tratar das ocorrências das formas clíticas do pronome pessoal de terceira pessoa, portanto vamos ter que distinguir formas com função de objeto direto (OD), isto é, correspondentes ao acusativo, e formas com função de objeto indireto (OI), correspondentes ao dativo. Para uma análise mais detalhada, levando em conta que é imprescindível a atenção ao contexto, vamos considerar as ocorrências separadamente, uma a uma.

#### 4.3.1 Formas do clítico com função de objeto direto

São ao todo 13 ocorrências, entre singular e plural, masculino e feminino, considerando-se todos os alomorfes.<sup>3</sup>

3. *fiolios*: o verbo no caso provém do lat. *fiō*. A forma do texto está pelo perfeito *fiou*. A seqüência em latim seria: *fidavit illi illos, fiou-lhe-os*. A observação que pode ser feita é a de que temos um verbo na terceira do singular para um sujeito composto, na ordem VOS.
8. *a* teuese o abate: o pronome aqui é proclítico, na ordem OVS. O pronome faz referência anafórica a *sa irdade*.
10. *a* lexare: novamente o pronome é proclítico. A flexão do verbo concorda com a forma *ill os* da oração anterior.

<sup>3</sup> Como nas citações anteriores, os números correspondem às linhas do texto.

20. e qua li o deue por sanar: a seqüência significa: devem reparar-lhe o *plazo quebrantado*, mas o pronome (que nessa interpretação seria OI do verbo *sanar*) aparece proclítico ao verbo *dever*.
21. *rogouo* o abate: ênclise do pronome, na ordem VOS.
23. *troseruno*: o sujeito está omitido, e o pronome, enclítico, apresenta assimilação do /l/ ao som nasal da flexão do verbo. A presença do til parece deixar claro que a forma do pronome é *no*.
39. *uola* quitaru: o sujeito está omitido e não é muito evidente o referente. O clítico OD ocorre no alomorfe *la* que aparece depois de /s/ (e também depois do /r/ dos infinitivos), com assimilação da consoante final da forma *vos* ao som lateral inicial do pronome OD. A seqüência é OI OD V.
43. *ouideas*: ênclise do pronome que refere anaforicamente a *as desôras*. A referência do sujeito não é clara; é possível que seja a pessoa à qual o escriba dirigirá o documento.
44. *comerusilo*: o sujeito é omitido e a seqüência está formada pelo verbo, o reflexivo (com valor de *dativo ético*) e o clítico objeto direto com referência anafórica a *o porco*. A forma do OD apresenta a permanência de /l/ entre vogais, o que contrasta com:
45. *comeruso*: aqui temos a mesma seqüência anterior, com fusão das formas pronominais por queda do /l/ entre vogais, com elisão da vogal do primeiro pronome. O mesmo fenômeno vamos encontrar na linha 54 (*leuaruso*).
51. *gacaruno*: sujeito omitido e ênclise do pronome, com assimilação de /l/ ao som nasal da flexão verbal. É a mesma situação que achamos em 23 e vamos ver nas linhas 52 e 54, sendo que em 52 aparece uma separação entre as grafias do verbo e do pronome.

Um exemplo interessante, ainda na linha 51, é:

51. ... e getaru in terra *polo* cecar

O pronome aqui é enclítico em relação à preposição: *por + lo*, com assimilação da consoante vibrante ao som lateral do artigo.

A preposição e o infinitivo expressam finalidade em relação ao verbo *getaru*, e o pronome é OD do infinitivo.

#### 4.3.2 As formas do clítico procedentes do dativo

As formas correspondentes ao dativo *illi* apresentam, no texto, uma complexidade um pouco maior porque encontramos a variação *le/li* para o singular. Para o plural, aparece uma única forma: *les*.

Isso não significa que essas grafias ainda não fossem formas com palatalização; simplesmente a grafia *lh* para a indicação da palatalização não tinha sido introduzida.

Em relação à variação vocálica, Mattos e Silva (1989, p. 217) sugere que, devido à pouca intensidade desses segmentos, a articulação poderia não ser aquela do /e/ ou do /i/ quando estes estão em posição tônica. A escolha da grafia com *i*, diz a autora, poderia ser reflexo da grafia latina do *illi*.

No texto da *Notícia* encontramos cinco grafias com *e*, sendo só uma correspondente ao singular (linha 11).

Mais interessante é o problema da colocação dos pronomes na seqüência. Em 34 ocorrências (entre singular e plural), 19 correspondem à próclise e 15 à ênclise. Os números coincidem com a preferência pelo uso proclítico que Mattos e Silva achou no seu *corpus*. Dos casos de próclise, 10 estão em subordinadas. Cinco apresentam negação antes ou depois do pronome, e há ainda um advérbio partitivo, também em lugar variável antes do verbo (Esses números correspondem às ocorrências de clíticos dativos).

Uma seqüência que chama a atenção é:

11. nu(n)qua *le li* ide deru parte

Poderíamos pensar que se trata de um erro, e que, por ser o texto um rascunho, o escriba não corrigiu. Porém, devemos ter sempre muito cuidado com este tipo de conclusões. Podemos

descuidar de uma forma ou uma estrutura por achãr que se trata de um erro do escriba quando, na verdade, estamos perante alguma forma realmente existente na época *e/ou* no local.

A esse respeito, gostaríamos de mencionar o caso da forma *seuo*, que aparece na linha 3 do documento. Ela tem sido interpretada como um desses erros que o escriba não teria corrigido no momento, talvez para fazê-lo no momento da redação definitiva do documento. Porém, na *Vida de Tarsis* (Castro, 1985), na edição de Ana Maria Martins, página 17, linha 11, podemos ler *os teuos olhos*. Em nota número 17, Martins salienta que José Joaquim Nunes apresenta *teus* na sua leitura mas, em nota de rodapé, Nunes registra a forma do manuscrito. Essa ocorrência num outro documento do mesmo período faz com que seja necessário considerar a possibilidade da vitalidade da forma na época e realizar uma busca cuidadosa em outros documentos.

Isso significa que a atitude primeira do analista deve ser a de considerar o documento tal como ele aparece nos originais, sendo as possibilidades de erros do escriba ou *cochilos* do copista uma hipótese válida apenas se um estudo exaustivo de um bom número de documentos da época tenha sido feito. O mesmo posicionamento deve ser mantido em relação às estruturas sintáticas.

A presença de *inde* parece reduzir a possibilidade de que *li* tivesse sido usado em lugar de *ali*.

Há, ainda, duas ocorrências interessantes do dativo nas linhas 29 e 50:

29. fui*li* a casa

30. furun*li* u ueriar

Temos aqui um verbo de movimento, portanto não podemos supor a função de complemento indireto para esse dativo; devemos, antes, interpretá-lo como um tipo de *dativo ético*, com o que se salienta a importância da ação para alguém referido pelo pronome.

Uma outra interpretação eventual, mais específica, seria a de que é uma relação de posse. A análise que tem sido proposta

(Vergnaud e Zubizarreta, 1992) envolve uma complexidade que não interessa desenvolver aqui nos seus detalhes. Arriscando uma simplificação, poderíamos dizer que a relação entre o locativo argumental do verbo *ir* (*a casa, o pomar*) e o dativo (*li*) poderia ser interpretada como uma relação de posse entre o elemento [+ humano] e o elemento [- animado].

Tipicamente essas construções aparecem com nomes chamados *de pose inalienável* como aqueles nomes das partes do corpo:

O medico *lhe* examinou o *estômago*

Interpretada como:

O medico examinou o *seu* estômago

Por extensão, nomes que não referem a partes do corpo podem ser usadas nessas estruturas. A presença do artigo é indispensável para tal interpretação.

## 5. A POSIÇÃO DO COMPLEMENTO PRONOMINAL NÃO ACENTUADO

Vamos considerar a posição das formas pronominais não acentuadas antes examinadas, seguindo o critério empregado por Mattos e Silva (1989, p. 227), para podermos relacionar os dados da Notícia com os dados do *corpus* empregado pela autora.

Observamos a colocação proclítica ou enclítica das formas pronominais não acentuadas, em relação ao verbo, em orações independentes (afirmativas), orações subordinadas (afirmativas) e orações com presença de negação (principais e subordinadas).

É fato conhecido a abundância da conjunção *e* na prosa da época. Mattos e Silva diferencia um elemento que atua de conjunção coordenante e um outro que atua como *encadeador da narrativa*, que aparece geralmente depois de um ponto nos manuscritos do *corpus* que estuda, iniciando um enunciado. Como os resultados, em relação à colocação dos pronomes, nas orações principais e nas coordenadas por *e*, são os mesmos nos dados de Mattos e Silva,

optamos por considerar esses enunciados vinculados por *e* como orações independentes, dada a dificuldade de diferenciar os exemplos de conjunção daqueles do encadeador. Apresentamos os resultados nos quadros a seguir onde os números referem aos exemplos segundo as linhas do texto.

Orações independentes	
<i>Ênclise</i>	3, 13, 21 a, 21 b, 25, 27, 29 a, 29 b, 35 a, 35 b, 43 a, 43 b, 44, 45, 46 a, 46 b, 49, 50, 51, 52, 54 a, 54b, Total de ocorrências: 22
<i>Próclise</i>	24, 40 Total de ocorrências: 2

Orações subordinadas	
<i>Ênclise</i>	Total de ocorrências: 0
<i>Próclise</i>	7, 8, 9, 10 a, 10 b, 19, 20, 22 a, 22 b, 23 a, 23 b, 29 c, 30, 31, 33, 49 b Total de ocorrências: 17

Orações com presença de negação	
Orações independentes	
<i>Ênclise</i>	11 Total de ocorrências: 1
<i>Próclise</i>	14/15, 15/16, 16, 17 a, 17 b Total de ocorrências: 5

Orações subordinadas	
<i>Ênclise</i>	0 Total de ocorrências: 0
<i>Próclise</i>	14/15, 15/16, 16, 17 a, 17 b Total de ocorrências: 5

Devemos dizer que os dados, na quase-totalidade, são coincidentes com a natureza daqueles que Mattos e Silva acha no seu *corpus*, permitindo-nos reconhecer e confirmar que:

– em orações principais, a ênclise é absolutamente predominante. Em 24, em que ocorre próclise, o pronome fica contíguo ao verbo, também de acordo com os resultados de Mattos e Silva.

– em orações subordinadas, a próclise é *sistematicamente escolhida*.

– em orações independentes com presença de negação, temos uma única ocorrência no texto da *Notícia* e ela apresenta próclise, com a ordem *negação-pronome*, coincidente com os dados de *Estruturas Trecentistas*.

– em orações subordinadas negativas, ocorre também a próclise, com o pronome que antecede à negação em 4 das ocorrências e, contrariamente aos resultados dos dados de Mattos e Silva, uma ocorrência em que a negação antecede o pronome sem que exista outro elemento entre o subordinante e a negação:

17a ... unnde *nuqua li deru* quinõ

– há um caso de oração de infinitivo que apresenta próclise (51)

Ainda gostaríamos de nos deter nas duas ocorrências de próclise nas orações independentes. Podemos observar que uma delas (24) apresenta a ordem VSO. A outra, em 40, é uma oração com o verbo “custar” na construção deste verbo com dativo. Estas construções são bastante peculiares dada a estrutura argumental do verbo. O participante mais relevante por ser o participante animado – humano no caso – é o dativo.

## 6. OBSERVAÇÕES FINAIS

Em relação à forma do artigo e ao seu uso, podemos dizer que, fora as peculiaridades das ocorrências em 21, 26 e 50, o texto não apresenta diferenças em relação ao uso atual. Como vemos, a forma e o uso não oferecem problemas, tendo sido fixados, ao que parece, desde cedo.

Sem dúvida, o ponto mais interessante em relação ao artigo é a questão do seu surgimento nas línguas românicas. Segundo se afirma, o latim clássico marcava a indeterminação por elementos específicos (*una mensa*, por exemplo) da mesma maneira como marcava também a deixis à situação ou a anáfora/catáfora (*ista mensa*, *illa mensa*, etc). A forma do substantivo sem outro elemento determinante preenchia a função que hoje tem o substantivo com artigo nas línguas românicas, isto é, uma forma como *mensa* era uma forma não marcada. O uso intenso, repetido, da forma *ille* junto dos substantivos, tal como pode ser encontrado na *Peregrinatio Egeriae*,

indica a perda progressiva do valor demonstrativo desse pronome. Explica como *ille* chega a ser usado como artigo no português ou no espanhol, por exemplo. Porém, não explica por que razão chegamos à necessidade de usar um artigo, ou por que as línguas românicas não continuaram com a oposição marcado/não marcado existente no latim.

A questão continua em aberto para a lingüística românica, mas gostaríamos de citar a proposta de Lorenzo Renzi que conhecemos através de um artigo de Calboli (1990). As palavras são de Calboli apresentando a proposta de Renzi (Calboli, 1990, p. 84):

“il soutient... que la naissance de l'article est due au déplacement qui a eu lieu dans l'ordre des mots en passant du Latin (OV) au Roman (VO) et donc qu'elle est due au fait que l'article sert à déterminer le substantif à la place du cas qui disparaît comme désinence... L'article, selon Renzi, aurait eu son origine comme soutien du cas... et ensuite il aurait perdu la désinence casuell”.

Calboli comenta: *Il est bizarre pourtant que l'article ait soutenu le cas sans le garder lui-même et qu'il se soit introduit en grec avec le cas sans en provoquer la chute. Il se comporte comme une préposition.*

As palavras de Calboli e as de Renzi são muito sugestivas. Teve o artigo, no grego – onde apresentava variação morfológica para o caso –, o mesmo comportamento que nas línguas românicas, onde, se a hipótese de Renzi for certa, como diz Calboli, o artigo se assemelharia à preposição no fato de ter servido para a marcação de caso, sem apresentar, ele mesmo, caso morfológico? São caminhos de pesquisa a serem levados em conta, sem esquecer a observação de Meyer Lübke (1926, p. 315):

“Respecto del sujeto hay que mencionar la introducción del artículo. Observando lo que ocurre en románico se llega a la conclusión de que el artículo, al principio, sólo se colocó junto al sujeto, rechazándolo el complemento y las combinaciones preposicionales, o, más exactamente, que el separar un sustantivo aislado (con el fin de ponerlo de relieve) de entre otros varios que se encontraban en igual disposición, sólo acontecía, al principio, cuando aquel sustantivo era el sujeto”.

A respeito das *formas pronominais*, podemos dizer, a modo de resumo, que:

– nas formas sujeito, o texto apresenta a peculiaridade do uso da forma do acusativo latino para o plural e não há exemplos do plural português *eles*;

– nas formas tônicas de complemento preposicionado aparece uma ocorrência de acusativo plural;

– em relação aos clíticos, aparecem duas ocorrências da seqüência V-reflexivo-OD 3ª pessoa. A respeito dessa combinação podemos ler em Cunha (1976, p. 220): *O pronome se associa-se a me, te, nos, vos, lhe, lhes (e nunca a o, a, os. as)*;

– do ponto de vista da ordem dos constituintes na oração, salientamos a coincidência com os dados de Mattos e Silva (1989, p. 858-9) no que tem a ver com a posição do clítico.

Este aspecto da ordem dos constituintes oracionais merece ser estudado com detalhe num trabalho de maior alcance que trate, não só da colocação dos clíticos, mas também da ordem sujeito-verbo, que neste trabalho breve foi apenas mencionada.

Finalmente, gostaríamos de nos referir a um par de exemplos que achamos interessante. Um deles é o seguinte:

10. Se a lexare, itregare *ille* de oetra que li plaza

É interessante observar que, no lugar do complemento indireto do verbo *itregare*, aparece um *nominativo sem preposição*.

O outro exemplo é:

51 ... e gacaruno e *getaru* in terra polo cecar...

Neste caso, o interessante é a presença do *objeto nulo* em relação ao verbo destacado no exemplo.

Acreditmos que, em relação a esses exemplos, devemos manter a postura mencionada em relação à forma *seuos*: chamar a atenção sobre essas construções sem levantar nenhuma hipótese até ter examinado com cuidado outros documentos, porém, sem esquecer-nos das ocorrências em questão. Por exemplo, em relação à

ocorrência da linha 10 citada antes, podemos dizer que, em Ivo Castro (1985), *Visão de Túndalo* (ed. Patrícia Villaverde Gonçalves), página 45, linhas 16/17, aparece...*mas ellas nõ podiã véér elles*, onde a forma *elles* construída em base ao nominativo singular aparece no lugar da forma correspondente ao acusativo.<sup>4</sup>

Embora assumida a colocação de Mattos e Silva antes citada, no tangente à metodologia da análise, não podemos deixar de salientar estas observações que visam a alguns pontos de uma interpretação posterior sobre a evolução da língua.

Os últimos exemplos indicam a necessidade de se examinar outros documentos da época e do mesmo tipo, documentos que não estejam muito afastados da oralidade da língua nessa fase para confirmar certos fenômenos ou defini-los como traços diatópicos em certas sincronias, ou, ainda, descartar certas ocorrências como peculiaridades do escriba. Considerando que o uso dos pronomes é um tema importante das línguas românicas e fundamental na evolução do português falado no Brasil, fica evidente a necessidade de se estudar o fenômeno em diferentes momentos da história da língua.

## BIBLIOGRAFIA

- CALBOLI, G. (1990) Les pronoms démonstratifs latins et la formation de l'article roman. *Revue de Philologie* LXIV. 1-2.
- CASTRO, I. (1985) *Vidas de santos de um manuscrito alcobacense*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- \_\_\_\_\_. (1991) *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta.
- CUNHA, C. (1976) *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, B. Alvarez.
- MATTOS E SILVA, R. M. (1989) *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, IN-CM.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (1968) *Manual de gramática histórica española*. Madrid, Espasa Calpe.

<sup>4</sup> Agradecemos à Profa. Teresa Leal Gonçalves Pereira a indicação dos exemplos correspondentes a Castro, *Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense*.

- MEYER LÜBKE, W. (1926) *Introducción a la lingüística románica*. Madrid, Publicaciones de la RFE.
- NETO, S. da Silva (1979) *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença.
- NUNES, J. J. (1976) *Crestomatia arcaica*. Lisboa, Livraria Clássica.
- RENZI, L. (1984) Le développement de l'article en roman. *Actes du Colloque de Strasbourg*, p. 299-317.
- VASCONCELOS, C. M. de (1946) *Lições de filologia portuguesa, seguidas das lições práticas de português arcaico*. Lisboa, Revista de Portugal.
- VERGNAUD, J.-R.; ZUBIZARRETA, M. L. (1992) The definite determiner and the inalienable constructions in French and in English. *Linguistic Inquiry*, v. 23, n. 4.
- VITERBO, J. de (1865) *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Lisboa, J. Fernandes Lopes.
- WILLIAMS, E. (1973) *Do latim ao português*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

**ABSTRACT:** This paper examines the forms that have their origins from *ille* in Notícia do Torto, one of the earliest texts written in Portuguese. In relation to the usage of article, we verify that the text doesn't exhibit remarkable divergences in relation to contemporary usage. About the pronominal forms, we point out the usage of accusative form to the plural subject and one example of the nominative case without preposition as an object of the verb.

**Keywords:** historical linguistics, ancient Portuguese articles, pronouns, Latin.